

18 - Economia - Brasília, domingo, 29 de setembro de 2013 - CORREIO BRASILIENSE

Gula do dragão

Governo e empresas chinesas emergem no Brasil. Base estratégica para expandir negócios em energia

Petróleo e gás
Presença no pré-sal
A Sinopec está no país há 14 anos e atua com a Petrobras e B3, e exploração na Bacia de Santos. **Objetivo:** adquirir tecnologia e expertise em exploração de petróleo em águas profundas.

Leilão de Libra
As estatais CNOOC, CNPC e Sinopec são destaque entre os interessados para a liberação de 21 de outubro. **Objetivo:** garantir estoques de petróleo e gás para a demanda futura da indústria chinesa.

Sector elétrico
Meta ousada
No país desde 2011, a State Grid lidera o setor no mundo, querendo investir aqui. **Objetivo:** expandir o Brasil como mercado de vendas de equipamentos elétricos.

Geração hidrelétrica
A State Grid, em parceria com a Saneamento de São Paulo, quer construir a usina de Itaipu. **Objetivo:** garantir a segurança energética do Brasil.

Linhas de transmissão
A multinacional adquiriu 12 linhas de transmissão no Brasil, que somam mais de 10 mil km. **Objetivo:** melhorar a capacidade em conexão com o sistema brasileiro.

Linhas de Norte
A estatal quer fornecer tecnologia para a construção de linhas de transmissão de alta tensão. **Objetivo:** garantir a segurança energética do Brasil.

Geração verde
Eólica e solar
Indústrias de energia renovável, como a Sinopec, estão no país desde 2011. **Objetivo:** garantir a segurança energética do Brasil.

Equipamentos elétricos
Fabricas locais
A Nua Energia, em São Paulo, e a ABB, em Curitiba, são as principais fornecedoras de equipamentos elétricos para o Brasil.

Acordos de cooperação
Eletrobras com State Grid, CTRC, Petróbras com Sinopec, Petrobras com Sinochem, Brasil China Petróleo com CNPC, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ) com Tsinghua University.

INFRAESTRUTURA

China amplia investimentos

O Brasil se torna um dos principais campos para o avanço dos asiáticos no mercado global de energia. Petróleo, gás e eletricidade são os alvos

de SILVIO RIBAS

A expectativa de uma vitória eleitoral de empresas chinesas, ao lado da Petrobras, no leilão do Campo de Libra, no pré-sal da Bacia de Santos, pode confirmar o Brasil como principal alvo dos investimentos da China no mercado global de energia. A licitação, marcada para 21 de outubro, também vai ser o sinal de que a trajetória, iniciada em 2009, na qual o gigante asiático vem consolidando seus avanços nas áreas de petróleo e gás, linhas de transmissão e parques de geração eólica no país. Além da conquista de projetos importantes, essa empreitada estratégica inclui acordos com empresas, instituições de pesquisa e governos estaduais. As próximas investidas serão em geração hidrelétrica e na produção de painéis solares.

O Brasil ocupa atualmente o segundo lugar como destino do investimento externo chinês em energia, desbancado provisoriamente da liderança em vista da compra da petroleira canadense Nexen, no fim de 2012. Segundo especialistas ligados ao petróleo, se o setor elétrico do país representa para a China um mercado para equipamentos e serviços, a exploração de petróleo nas águas profundas da costa brasileira é uma grande oportunidade de gás e gás para o futuro.

Depois da sede do ministério de ferro, os chineses querem que a infraestrutura do setor elétrico e os campos petrolíferos formem a nova base da sinergia com o Brasil. Na conquista da China no campo da energia, como investidor e exportador, foram uma exigência de suas expressivas taxas de expansão econômica e de sua crescente demanda industrial. Cabe ao Brasil aproveitar ao máximo esse aspecto colossai,

evitando que a invasão chinesa da competitividade de empresas nacionais", analisa o consultor João Carlos Meira, presidente da Thyssen Energia. Relatório da Agência Internacional de Energia (IEA, na sigla em inglês) divulgado este mês, em 2012, o setor energético brasileiro recebeu US\$ 18,2 bilhões em investimentos chineses. O montante poderá dobrar até 2020 se a State Grid, maior empresa do mundo no mundo, conseguir agregar mais ativos no país, como a linha de transmissão da Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. A agência sublinha que o Brasil é um parceiro natural no segmento de transmissão, em razão das semelhanças geográficas dos dois países nas malhas de distribuição da eletricidade gerada, na maior parte, por fontes renováveis distantes dos grandes centros consumidores. A State Grid apresenta, como fator de maior segurança e de menor desperdício de cargas, a sua tecnologia de ultra alta tensão (UHV, na sigla em inglês), numa eventual modernização e expansão da rede.

Cooperação
Os negócios da gigante elétrica em território brasileiro começaram em 2010, com a compra de sete concessões da Fiergs Transmissora. Em paralelo, a Multinacional firmou parcerias com Furnas do grupo Federal Eletrobras, e com a estatal paranaense Copel. Três anos após chegar ao Brasil, a companhia mantém o plano de investir R\$ 10 bilhões no país até 2015, apesar de ter sido vendida, no mês passado, no leilão da usina de Sítio MT.

Desde que chegou por aqui, a companhia já desembolsou R\$ 7 bilhões. Esse valor inclui a sede no Rio de Janeiro, um prédio em

Atuação coordenada

Entre as 11 empresas que se reuniram para o leilão do Campo de Libra, estão as chinesas CNOOC, especializada na exploração em alto-mar, Sinopec, produtora e refinadora, e CNPC, forte nos campos em terra. Mesmo que concorram entre si, elas deverão agir coordenadas pelo governo chinês. "Ao priorizar os montantes energéticos abrangidos, em vez de partir da produção, que será aplicada no pré-sal, cada uma tem uma luta para os interesses da China no petróleo", em defesa de todos os demais países, inclusive do próprio Brasil", observa Claudio Sales, presidente do Instituto Associação Brasil.

Non bastidores, o reconhecimento da Petrobras de que não tem caixa para bancar mais do que os 30%, que, por lei, terá que assumir no empreendimento, dará ao combinado chinês um papel importante como investidor. As empresas asiáticas poderão conter boa parte do restante dos R\$ 15 bilhões do bolso de assinatura que os vencedores da disputa terão que pagar para ter o direito de explorar a jazida. Adriano Feres, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CIBI), acredita ser bem provável que as chinesas financiem o leilão em troca de óleo, em razão da falta de disponibilidade de capital e do desejo de garantir acesso a reservas futuras de petróleo. Na sua opinião, elas teriam, inclusive, condições de aderir a oferta de bônus que vai caber à Petrobras, de pelo menos R\$ 1,5 bilhões. Em razão do aumento da produção, os EUA, maior consumidor de petróleo do mundo, com 20% de todo o comércio internacional, continua reduzindo fortemente sua necessidade de importação, mesmo com a demanda em alta. A China, vice-líder no consumo, segue aumentando as compras em termos de óleo e deverá atingir o topo da lista dos importadores em outubro, segundo a IEA.

Revolução
As negociações sino-brasileiras nas áreas de petróleo e gás ocorrem em paralelo a profundas transformações em curso no mercado mundial de energia. A descoberta pelos Estados Unidos de uma nova forma de extração do chamado gás não convencional ou de xisto, deu a largada para uma reorganização da geopolítica energética global. Com insumo obtido a um custo muito competitivo, o chamado fraturamento hidráulico colocou o gás em destaque, levando o governo norte-americano a apoiar na reconstrução industrial do país e na rápida mudança de perfil de importador para exportador de combustíveis fósseis. "A China tem o segundo maior potencial de gás de xisto no mundo e já estabeleceu uma parceria tecnológica com o EUA para explorar esse 'vanguard', observa a coordenadora técnica do Projeto Mais Gás Brasil, Ricardo Pirin. Ele ressalta que o gás não convencional não repercutirá com a mesma velocidade e impacto que terá o mercado norte-americano. A razão está na vasta malha de distribuição já instalada nos EUA, onde o sistema regulatório é o mais maduro e instalado no mundo. "Mas o Brasil não pode ficar de fora dessa revolução que marca o século 21. Baseado a transição para o pleno uso de energéticos menos poluentes", finaliza.

US\$ 18,2 BILHÕES

Valor aplicado por empresas do país asiático no setor energético brasileiro de 2005 a 2012

Liderança verde
Apesar da grande poluição atmosférica provocada por usinas a carvão, a segunda economia do planeta tornou-se, paralelamente, líder em inovação no setor das chamadas fontes verdes. Para a Agência Internacional de Energia (IEA), Brasil e China têm tudo para se computarem nos próximos anos como líderes do setor eólico mundial. Até 2018, a Alemanha, responsável por 21% dos investimentos em energia eólica, deverá ser ultrapassada pelos dois países.

Perigo vermelho
Estado recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) do governo federal, alerta para o perigo de uma escalada dos investimentos da China no Brasil, fora da prioridade da política industrial e em uma negociação sobre o acesso ao controle do país sobre recursos naturais, sem a participação de uma "maior transferência de tecnologia".

Entre as 11 empresas que se registraram para o leilão do Campo de Libra, estão as chinesas CNOOC, especializada na exploração em alto-mar, Sinopec, produtora e refinadora, e CNPC, forte nos campos em terra. Mesmo que concorram entre si, elas deverão agir coordenadas pelo governo chinês. "Ao priorizar os montantes energéticos abrangidos, em vez do retorno financeiro, o modelo de partilha da produção, que será aplicado no pré-sal, caiu como uma luva para os interesses da China no petróleo, em desfavor de todos os demais países, inclusive do próprio Brasil", observa **Cláudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**.

Nos bastidores, o reconhecimento da Petrobras de que não tem caixa para bancar mais do que os 30%, que, por lei, terá que assumir no empreendimento, dará ao combinado chinês um papel importante como investidor. As empresas asiáticas poderão cobrir boa parte do restante dos R\$ 15 bilhões do bônus de assinatura que os vencedores da disputa terão que pagar para ter o direito de explorar a jazida.

Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), acredita ser bem provável que as chinesas financiem o leilão em troca de óleo, em razão da farta disponibilidade de capital e do desejo de garantir acesso a reservas futuras de petróleo. Na sua opinião, elas teriam, inclusive, condições de adiantar a fatia do bônus que vai caber à Petrobras, de pelo menos R\$ 4,5 bilhões.

Em razão do aumento da produção, os EUA, maior consumidor de petróleo do mundo, com 20% de todo o comércio internacional, continua reduzindo fortemente sua necessidade de importação, mesmo com a demanda em alta. A China, vice-líder no consumo, segue acelerando as compras externas de óleo e deverá atingir o topo da lista dos importadores em outubro, segundo a IEA.

Revolução

As negociações sino-brasileiras nas áreas de petróleo e gás ocorrem em paralelo a profundas transformações em curso no mercado mundial de energia. A descoberta pelos Estados Unidos de uma nova forma de extração do chamado gás não convencional, ou de xisto, deu a largada para uma reorganização da geopolítica energética global.

Com insumo obtido a um custo muito competitivo, o chamado fraturamento hidráulico colocou o gás em destaque, levando o governo norte-americano a apostar na retomada industrial do país e na rápida mudança de perfil de importador para exportador de combustíveis fósseis. "A China tem o segundo maior potencial de gás de xisto no mundo e já estabeleceu uma parceria tecnológica com os EUA para explorar essa vantagem", observa o coordenador técnico do Projeto Mais Gás Brasil, Ricardo Pinto.

Ele ressalta que o gás não convencional não repetirá com a mesma velocidade o impacto que terá no mercado norte-americano. A razão está na vasta malha de distribuição já instalada nos EUA, onde o sistema regulatório é o mais maduro e testado no mundo. "Mas o Brasil não pode ficar de fora dessa revolução que marcará o século 21, fazendo a transição para o pleno uso de energéticos menos poluentes", finaliza.

» Perigo vermelho

Estudo recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do governo federal, alerta para o perigo de uma escalada dos investimentos da China no Brasil, "fora das prioridades da política industrial e sem uma negociação quanto ao acesso ao mercado". Segundo o Ipea, isso poderia ocasionar perda do controle do país sobre recursos naturais, sem a contrapartida de uma "maior transferência de tecnologia".